

## **FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O USO DE IMAGENS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MULTIDISCIPLINARES**

*Marília Flores Seixas de Oliveira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
marilia.flores.seixas@gmail.com

*Orlando J. R. de Oliveira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
ojro.furioso@gmail.com

*Clara Flores Seixas de Oliveira*

Universidade Federal da Bahia-UFBA  
cfsoliveira@gmail.com

*Joaquim F. Seixas de Oliveira*

Universidade Federal da Bahia-UFBA  
jucadeoliveira@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho aborda questões referentes à utilização da linguagem fotográfica em práticas pedagógicas multidisciplinares, baseando-se teoricamente nos estudos da linguagem, focalizando sobretudo as categorias relacionadas à imagem técnica e à comunicação. Partindo da discussão que considera o papel central da linguagem na vida social, a abordagem aqui apresentada concebe os símbolos, a arte e o design como elementos básicos de comunicação e de transformação social. Ressalta, por outro lado, que o crescente predomínio da linguagem visual na contemporaneidade pode sugerir a produção de fotografias e de outras imagens técnicas (audiovisuais, filmes etc.) como alternativa educacional adequada para uma melhor reflexão sobre a realidade, ampliando a compreensão e a capacidade crítica, a partir da ênfase estabelecida pela produção de imagens e pelas escolhas relacionadas ao ato de fotografar. Por outro lado, é analisada a pertinência do uso das linguagens imagéticas em atividades pedagógicas, sobretudo aquelas voltadas para a abordagem de temas multidisciplinares, como a educação ambiental, de forma a poder gerar uma visão expandida sobre a sociedade, o meio ambiente, a alteridade, a diversidade e as práticas culturais.

**Palavras-chave:** Fotografia; Educação ambiental; Práticas pedagógicas.

### **Introdução**

Na vida contemporânea, há um predomínio da linguagem visual, ocasionando mudanças nos modos de apreensão do mundo, na constituição da subjetividade e na produção do

conhecimento. A mediação da imagem técnica alcança os mais diversos âmbitos da vida cotidiana e abrange novas dimensões simbólicas, representativas, identitárias, mnemônicas e educacionais. A produção de imagens é crescente, tanto em termos de quantidade e de modalidade quanto no que se refere às novas possibilidades de intercâmbio e de disponibilidade de acervos imagéticos. No contexto de uma “civilização da imagem”, este texto volta-se, em primeiro lugar, para a discussão sobre as categorias linguagem, imagens técnicas e comunicação, ampliando a possibilidade de compreensão e reflexão crítica das diversas dimensões da “cultura das imagens”, considerando aspectos culturais, antropológicos, sociológicos, econômicos, políticos, educacionais e filosóficos, de maneira a propiciar uma melhor ponderação sobre sua utilização em práticas educacionais.

Esta diluição da vida em profusões de imagens técnicas estabelece, eventualmente, o equívoco de percebê-las como representações objetivas do mundo. Para Flusser (2011, p. 11), há uma impressão automática do significado dessas imagens técnicas sobre suas superfícies, o que impede uma leitura mais aprofundada da substância delas: a pretensa objetividade com que são percebidas gera a ilusão de serem janelas (e não imagens técnicas) que se abrem à percepção da realidade, levando à crença equivocada de que “imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real” (FLUSSER, 2011, p. 30). O entendimento de seus significados depende, portanto, de processos de decifração. Tais questões são colocadas como fundamento para que se possa propor a utilização da produção de imagens técnicas (fotografia, filmagens, audiovisuais etc.) em atividades pedagógicas de educação ambiental, já que é necessário valorizar-se a reflexão crítica sobre as imagens produzidas e analisadas.

Considerando a Educação Ambiental de maneira ampla, que relaciona a experiência humana ao mundo natural de forma complexa e partindo da premissa básica de que o homem é um ser simbólico, é proposto, assim, a abertura para o desenvolvimento de atividades educacionais que utilizem a produção de imagens técnicas como forma de se trabalhar pedagogicamente questões relacionadas ao meio ambiente e sua relação com o mundo social, cultural e político. Pretende-se, a partir do destaque possibilitado pela produção crítica - e posterior fruição e reflexão - de imagens técnicas, ampliar as maneiras de ver e de compreender a sociedade, a natureza e o outro, numa nova ética do olhar.

Na vida moderna, o paradigma hegemônico de desenvolvimento representou a natureza como um estoque infinito de recursos naturais disponível livremente para o consumo humano. Tal representação tem influenciado a ação antrópica, desprovida de senso ético de responsabilidade sobre a vida e o planeta, o que tem gerado impactos ambientais negativos severos, tornando imprescindível uma modificação tanto nos padrões éticos que regulam as ações efetivas quanto nas formas de perceber e de representar a natureza. A educação torna-se, assim, caminho para que se possam estabelecer condicionantes éticas e ecológicas ao desenvolvimento, a partir de mudanças nas mentalidades, tanto no âmbito do sujeito, visando às mudanças de atitude das pessoas individualmente, quanto na perspectiva social, comunitária. A Educação Ambiental pode ser geradora de novas formas de perceber e de representar a natureza e a vida como um todo e de novos hábitos socioambientais, inaugurando posturas éticas diante do ambiente, valorizando a participação comunitária e contribuindo para a formação de pessoas com senso crítico e sensibilidade suficientes para gerar ações orientadas pelo princípio da responsabilidade com a vida e o planeta.

Apesar da importância e do destaque com que estes temas têm sido tratados nas universidades de todo o mundo, a busca de alternativas e processos que levem a uma relação mais cuidadosa e prudente com o ambiente e os recursos naturais não pode estar restrita ao universo acadêmico. É preciso o envolvimento da sociedade para que se amplie a percepção sobre a urgência em se modificar as relações do homem com o ambiente e seus semelhantes e que se efetive a participação comunitária na busca de modelos sustentáveis que sejam ancorados nas culturas locais. De acordo com as orientações dos organismos internacionais e da própria legislação brasileira, a Educação Ambiental deve ser planejada como um tema a fazer parte dos conteúdos de todas as disciplinas escolares, de forma interdisciplinar e transversa, com abordagem que abarque a compreensão da natureza inserida também na análise da experiência humana, uma vez que é da ação humana que decorrem os grandes problemas ambientais. Assim, uma questão que se coloca é a metodológica, pois envolve a premissa básica da interconexão entre todas as dimensões da vida. Por outro lado, as práticas e as reflexões educacionais, que possam vir a modificar a relação entre os homens e o meio ambiente precisam estender seus resultados para a

vida cotidiana dos envolvidos no processo, para o plano dos acontecimentos reais, para que obtenham o resultado pretendido.

Quando tratamos de uma educação voltada para a formação de pessoas que possam atuar no meio ambiente orientadas pelo princípio de responsabilidade e que possam, também, buscar alternativas eficazes e locais para a solução dos problemas ambientais existentes, precisamos compreender que a forma humana de perceber o mundo é, definitivamente, uma forma simbólica, pois apenas guiado por símbolos culturalmente definidos em sociedade é que o homem pode ter a direção para agir e viver, se reconhecendo como sujeito inserido no mundo.

Para Cassirer (1997), tanto de maneira prática quanto de maneira teórica, o homem só pode conhecer a realidade por meio de interpretações que advêm do tecido simbólico das relações, não podendo mais dar resposta apenas às necessidades e aos desejos imediatos, vivendo, por outro lado, em meio a emoções, necessidades, temores, esperanças, ilusões e desilusões construídas através de fantasias e sonhos, numa realidade recriada pelo processo simbólico. A linguagem permeia toda a atividade humana, permeando tanto as atividades imaginativas quanto as emotivas, as lógicas ou as científicas, organizando simbolicamente a existência. Segundo o autor, ao homem não é mais possível viver num universo meramente físico, posto que um salto qualitativo foi dado pela espécie, que passou a se relacionar simbolicamente com tudo que o cerca, habitando irrevogavelmente um universo simbólico, em que a linguagem, o mito, a arte e a religião são partes fundantes, que, como fios entrelaçados, tecem uma rede simbólica correspondente ao emaranhado da experiência humana. Para ele, “todo progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede e a fortalece” (CASSIRER, 1997, p. 48).

Tornar-se humano é tornar-se indivíduo sob a direção dos padrões simbólicos culturais. O próprio ato de pensar consiste num tráfego contínuo entre os símbolos significantes (palavras, gestos, desenhos, sons musicais, artefatos, expressões) e apenas por meio da linguagem é que se torna possível impor significados à existência. Os homens realizam suas existências baseando-se no universo simbólico das comunidades interpretativas a que pertencem e estes símbolos significantes são básicos no curso das coisas experimentadas. O comportamento do homem seria virtualmente caótico, sem sentido, se não fosse dirigido por padrões culturais: as fontes simbólicas são fundamentais para a vida humana. Segundo Geertz (1989, pp. 22-23), a cultura consiste “em

estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas” e cada comunidade dispõe de repertórios culturais específicos.

A linguagem, em suas diferentes formas, atua como organizadora do pensamento humano em todas as suas esferas, da científica à afetiva. Austin (1990), em sua teoria dos atos de fala, afirma que falar é fazer, isto é, nossos atos de fala não são meras locuções, mas, acontecendo inseridos em situações determinadas, não terminam em si, têm consequências. Os atos de fala, sendo em si mesmo ações significativas, influenciam a ação dos outros (e de quem fala), com decorrências: o ato de linguagem cria situações, modifica relações e estabelece materialidade para a referência humana. Portanto, o ato de expressão atualiza e renova a percepção e os sujeitos.

Assim como os homens desenvolvem, para se comunicar, repertórios culturais em variadas linguagens (e não apenas a verbal), o processo educativo tem utilizado, desde seus primórdios, formas de expressão em diversos códigos, desde o gestual até o pictórico ou corporal. O processo de aprendizagem pode até mesmo resultar mais eficiente quando se desenvolve utilizando textos não-verbais, baseados em outros signos que não a palavra: por exemplo, podemos aprender muito mais sobre a natureza em contatos sensoriais numa caminhada no meio da mata do que ouvindo professores falar sobre conservação e valor ambiental.

Quando pensamos na Educação Ambiental sob o ponto de vista simbólico, práticas experimentais em linguagens não-verbais apresentam-se como possíveis (e ótimas) alternativas metodológicas para que sejam estabelecidos patamares de ação calcados no princípio da responsabilidade com a vida, com as pessoas e com a natureza. O ser humano responde aos eventos do mundo a partir de uma teia indissociável em que se expressam e se articulam conhecimentos, crenças, imaginações, vivências, sentimentos e opiniões sobre o real (CASSIRER, 1997).

Nesse contexto, a linguagem fotográfica se apresenta como uma rica possibilidade ao desenvolvimento de ações experimentais em Educação Ambiental. A fotografia não é o mero resultado do encontro entre *evento* e *fotógrafo*: o próprio ato de tirar fotografias é em si mesmo um acontecimento, com direitos líquidos e certos de interferir, invadir ou ignorar o que estiver ocorrendo ao redor (SONTAG, 1981). A fotografia, ao ensinar-nos um novo código visual, transforma e amplia as noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente podemos

observar, constituindo-se, assim, em uma gramática e, sobretudo, em uma ética do ver. Para Sontag (1981, p. 4), “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se numa certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento e por conseguinte com o poder”.

A fotografia pode ser considerada uma transparência seletiva. Mesmo que, em certo sentido, a câmara “capte” a realidade, a foto é uma interpretação do mundo, da mesma maneira que a pintura, o desenho ou a fala. A fotografia não é um olhar inocente e o aparato tecnológico não assegura uma suposta objetividade, isenção ou neutralidade que possa parecer: embora se preocupe a fundo em espelhar a realidade, o fotógrafo se vê perseguido por tácitas imposições de gosto e consciência, e a própria aparente passividade do registro fotográfico é, em essência, a “mensagem” da fotografia, o que Sontag chama de “*seu conteúdo de agressividade*” (SONTAG, 1981, p. 7).

Por outro lado, a linguagem fotográfica envolve a questão da realidade e suas formas de representação / reconstrução, a partir da ruptura com o plano das coisas apenas acontecidas. O que se fotografa não é o mundo em si, mas fragmentos do mundo, selecionados e enquadrados por um olhar que é *particular, subjetivo e único*. A fotografia aparentemente não constitui depoimento sobre o mundo, mas fragmento desse, miniatura de uma realidade que todos podemos construir ou adquirir. E, embora seja correto dizer que o indivíduo cria significados, isto é feito através de estratégias interpretativas que têm origem em um sistema de inteligibilidade cultural e comunitário, enfim, intersubjetivo.

A fotografia envolve sempre um processo criativo de leitura das coisas que nos cercam, havendo um corte com a existência em si. Esta ruptura se associa ao ato, à ação de tirar fotos. O sentido das coisas passa a estar ligado a um olhar que o fotógrafo oferece ao que escolhe registrar. Para Buber (1982), alguns momentos de ruptura podem ser importantes para uma inserção diferenciada do homem no cotidiano, possibilitando o surgimento de novos significados, novas formas de percepção:

O que me interessa é (...) a ruptura que liberta do estado de adversidade impassível, de contrariedade e absurdo, onde vive o homem que eu destaco ao acaso do tumulto, onde ele vive e com o qual ele pode romper e às vezes rompe. Para onde? Para nada de sublime, de heróico, de sagrado, para nenhum dilema, apenas para este pequeno rigor e a pequena graça cotidianos, em que chego a me relacionar precisamente com esta mesma ‘realidade’ cujo dever e serviço me

prendem de tal maneira que a experencio, olhar por olhar, sinal por sinal, palavra por palavra, como ela oferecendo-se a mim e eu oferecendo-me a ela, sendo uma palavra dirigida a mim e eu, uma palavra dirigida a ela. (BUBER, 1982, pp. 71-72).

Práticas pedagógicas que proponham, como recurso metodológico, a produção de imagens técnicas com os mais diferentes suportes tecnológicos que estejam disponíveis e acessíveis aos envolvidos (câmeras digitais, celulares, *tablets* etc.), devem criar situações inusitadas e diferenciadas do uso destas máquinas produtoras de imagens, destacando-se como experiências diferenciadas. No sentido filosófico de Buber, é preciso criar uma experiência se destaque dos “tumultos” da vida, das utilizações ordinárias que são feitas no cotidiano destes suportes tecnológicos. Isto é, para que se alcance um novo sentido para as imagens produzidas, é preciso que haja um rompimento simbólico que possa estabelecer vínculos dialógicos com a realidade que se oferece, construindo sentidos no diálogo entre cada educando e as coisas que estão no mundo oferecidas ao olhar. A fotografia (compreendida aqui de maneira ampliada, que inclui outras imagens técnicas, como o audiovisual e a imagem fílmica, em movimento) é uma linguagem perfeitamente adequada para propostas pedagógicas de sensibilização e educação ambiental. Para Dubois (1994, p. 15),

Se existe na fotografia uma força viva irresistível (...) é bem isso: *com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto não é apenas uma imagem (...), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que as anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse ‘ato’ não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da ‘tomada’), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação*” [grifos do autor].

A fotografia insere, necessariamente, portanto, o fotógrafo no ato de fotografar, transformando-o em produtor que, no ato da própria produção, estando indissociável de suas circunstâncias, adapta o meio a si mesmo, através do que Ortega y Gasset (1963, p. 17-18) chama de ato técnico: “A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, posto que é a adaptação do meio ao sujeito. (...) Um homem sem técnica, isto é, sem reação contra o meio, não é um homem”.

Se na sociedade contemporânea as ordenações simbólicas do espaço e do tempo oferecem uma estrutura para a experiência através da qual aprendemos quem ou o que somos, segundo Bourdieu (1977, p. 163),

a razão pela qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tanto rigor é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com essa representação (...).

Para Certeau (1994), as práticas da vida cotidiana podem ser e são convertidas nas “totalizações” do espaço e do tempo organizados e controlados de modo racional, assinalando que as ordenações simbólicas do espaço e do tempo dão uma continuidade mais profunda às práticas sociais. Na sociedade moderna, um novo sentido da noção de informação foi-se desenvolvendo em torno da imagem fotográfica: a fotografia é uma porção pequena do espaço, bem como do tempo, selecionada por um sujeito e deslocada para outros tempos e espaços diferentes, podendo conter múltiplas significações e modificar a forma de percepção das pessoas.

Para que se possa avançar na construção de uma sociabilidade pautada pelo princípio da responsabilidade e pela ética da prudência, é necessário que a educação seja ampla como a vida, sendo capaz de estabelecer inter-relações dialógicas entre os sujeitos envolvidos e os temas abordados, numa perspectiva complexa e criativa. Baseado neste pressuposto, é possível a elaboração de projetos experimentais utilizando-se imagens técnicas (fotografia, filmes, audiovisuais etc.) como canal de expressão e reflexão sobre o meio ambiente. Considerando que ações de Educação Ambiental devem buscar novas alternativas metodológicas que visem a um crescente envolvimento dos sujeitos, projetos pedagógicos que utilizem estas linguagens podem criar novas oportunidades, aos educandos, de registrar, por meio da fotografia e de outras imagens técnicas, suas impressões pessoais sobre a sociedade, a natureza e os problemas ambientais do lugar em que vivem.

Sob o ponto de vista metodológico, as atividades pedagógicas devem partir da proposição de atividades de sensibilização sobre a questão ambiental associadas a oficinas instrumentais de linguagem fotográfica, orientadas por uma visão multidisciplinar, que possam amparar e promover atividades de educação ambiental através da sensibilização, da conscientização e da mobilização dos educandos em torno de questões ambientais.



A fotografia possibilita ao produtor das imagens uma reflexão sobre a realidade social desde o momento da captura das imagens, quando é feita uma seleção sobre os fragmentos da realidade que valem a pena ser capturados para o futuro. E, por um lado, se a percepção sobre a vida e a natureza pode ser modificada a partir do ato de fotografá-la, por outro lado, sob o ponto de vista educacional, é preciso também estabelecer momentos posteriores de fruição e de análise das imagens produzidas, criando-se oportunidades, assim, para que o processo pedagógico se complete, com o compartilhamento das percepções críticas, das impressões, fixando criticamente o que pode ser observado e evidenciado pelas imagens.

Ressalta-se que o ato de produzir fotografia e outras imagens técnicas tem feito parte crescente do cotidiano dos educandos, que cada vez mais registram cenas do que vivenciam, com seus celulares e câmeras portáteis, estabelecendo profusões de imagens que, muitas vezes, são descartadas posteriormente sem que se volte sequer a vê-las, ou então são armazenadas em imensos arquivos digitais. Neste sentido, se as imagens são feitas em quantidade e frequência impossível de ser imaginada há algumas décadas atrás, por outro lado, apesar desta importância, há um teor de descartabilidade implícito neste processo, já que muitas são feitas para serem observadas momentaneamente ou apenas para serem postadas em redes sociais. São distintos, portanto, os processos envolvidos numa ação/experiência educativa que proponha se basear na produção reflexiva de imagens técnicas, sendo necessário que se estabeleçam critérios tanto para os momentos de produção das imagens quanto para a seleção das mesmas e a utilização posterior, com propostas específicas a cada objetivo que se pretenda alcançar. A valorização da produção de fotografias como recurso metodológico de expressão, de interpretação e de envolvimento com o meio ambiente e as questões a ele relacionadas é possível e deve ser, assim, viabilizada, a partir de um planejamento ordenado na direção de objetivos que se queiram alcançar, com o esteio de um projeto multidisciplinar.

Ressalta-se, desta maneira, a necessidade de um planejamento adequado, de maneira a organizar metodologicamente as etapas dos projetos pedagógicos que utilizem linguagem imagética (fotografias, filmes digitais, audiovisuais etc.). Tais processos precisam estar definidos claramente (em forma de projeto) para que sejam ressaltados os propósitos das atividades, evitando-se, assim, a diluição e o esvaziamento de sentido. Desta maneira, é possível formar e

possibilitar a adoção de valores e habilidades que gerem atitudes e comportamentos individuais e coletivos orientados para a identificação e solução de problemas ambientais, como parte do exercício da cidadania e também, ainda, realizar, com as fotografias resultantes, exposições fotográficas visando à educação ambiental da comunidade e à sensibilização para a necessidade da preservação, possibilitando a reflexão e o debate sobre as relações entre a sociedade, o meio ambiente e o princípio da responsabilidade.

Para que se possa utilizar a produção fotográfica como recurso pedagógico, uma das sugestões metodológicas é o estabelecimento de temáticas para a abordagem, com discussão de textos que visem uma sensibilização dos educandos-fotógrafos, de forma a trazer à tona os temas que estejam relacionados aos aspectos do mundo e do meio ambiente que se queira destacar. Sugere-se, portanto, o recurso da reflexão crítica sobre os problemas contemporâneos (locais e globais), com textos em diferentes linguagens, antes das experiências de fotografia dos educandos. Assim, amplia-se a sensibilidade do olhar, previamente, destacando-se, na realidade, aspectos que se queira discutir nas práticas pedagógicas.

Informações sobre a própria linguagem fotográfica também possibilitam novas formas de compreender este recurso técnico tão banalizado no cotidiano. É interessante, portanto, que sejam discutidos com os educandos alguns aspectos como a história da fotografia, sua importância como registro e documento, a dimensão estética envolvida, além de outros elementos que se queira abordar. Por outro lado, é possível estabelecer o contato dos educandos com fotografias clássicas, de fotógrafos conhecidos, de maneira a destacar esta linguagem em seu conteúdo artístico, jornalístico ou expressivo.

A partir destas reflexões, podem ser planejados diversos experimentos com linguagem fotográfica, de maneira a possibilitar - com a experiência de olhar, registrar e refletir - novas formas de perceber o mundo, a natureza e o outro, ampliando-se, assim, a noção de responsabilidade e de prudência ao agir. Experiências fotográficas orientadas pedagogicamente com um propósito de reflexão e crítica podem vir a ser oportunidades ímpares de troca e de socialização de experiências e conhecimentos de caráter social, ambiental, histórico e cultural.

O caráter multidisciplinar das abordagens propostas deve ser ressaltado, uma vez que o que se observa na realidade pode ser objeto de discussão de diversas disciplinas, como temas

transversais que se tornam evidentes em cada imagem: há muito o que perceber em cada enquadramento produzido e a análise da realidade, possibilitada pela observação crítica ou pela fruição estética de uma imagem fotográfica, relaciona, de maneira complexa, âmbitos distintos do conhecimento e da vida.

Um cenário vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação de grupo. (LYNCH, 1999, p. 5).

Aspectos pertinentes à especificidade da linguagem fotográfica também dizem respeito à capacidade que a fotografia tem de destacar um objeto dentre as possibilidades que se apresentam e dedicar-lhe especial atenção, de maneira privilegiada. Conforme Guran,

(...) uma das potencialidades da fotografia é a de destacar um aspecto particular, que se encontre diluído em um vasto e seqüencial campo de visão, explicitando, através da escolha do momento e do enquadramento, a singularidade e a transcendência de uma cena. (...) O ato de fotografar (...) começa pelo reconhecimento do conteúdo de uma cena, ou seja, a seleção do aspecto desta cena que merece registro. (GURAN, 1998, pp. 91-92).

A imagem fotográfica desloca, assim, um acontecimento para o futuro, oferecendo àquele que a olha a possibilidade de tornar a experimentar aquilo que ficou no passado enquanto existência real, mas que se torna memória no acionamento pelo olhar, o que corresponde à afirmação de Barthes (1980):

Aquilo que a Fotografia reproduz até o infinito só aconteceu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento nunca se transforma noutra coisa: ela remete sempre ao corpus de que necessito para o corpo que vejo. (BARTHES, 1980, p. 17).

Com a produção das fotografias e com a discussão posterior das fotos realizadas em experimentos pedagógicos, a realidade fotografada se desloca do seu local original de existência e surge - com carga semântica ampliada pelo deslocamento e pela capacidade arrebatadora da imagem fotográfica - em outros contextos, tornando-se visível para pessoas que nunca poderiam observá-lo em seu cenário natural.

E a fotografia pode, então, evidenciar formas de comportamento e de relações sociais geralmente banalizadas pela vida cotidiana, e com isso dar pistas seguras para a compreensão daquilo que se encontra guardado no mais impenetrável dos materiais, o ser humano. (GURAN, 1998, p. 90).

Para Flusser (2011), as imagens operam com um elemento adicional, que ultrapassa o código: o seu teor de magia e de acionamento da imaginação, o que foi, entretanto, sendo modificado com o tempo. Para ele, cada época apresenta formas comunicativas preponderantes, que, à medida em que se intensificam, vão deixando de ser percebidas em seus aspectos simbólicos e passam a ser vistas como uma cópia da realidade, sem que se consiga mais perceber a dimensão conceitual da forma simbólica em questão. Na medida em que isto vai acontecendo, novas formas comunicacionais vão surgindo, para destacar a dimensão representativa da forma simbólica em questão. Flusser estabelece, assim, a ideia de consciência imaginística, expressão que designa uma espécie de faculdade da imaginação, responsável pela codificação e decodificação das imagens.

A fotografia possibilita um exercício de olhar que carrega em si a capacidade de construção de imagens que registram as coisas fugazes que habitam o mundo, representando uma captura de tempo e de espaço: elas deslocam as imagens (daquilo que está acontecendo no momento do registro fotográfico) para serem vistas no futuro, por outras pessoas, em outros lugares. Desta maneira, torna-se mais evidente a capacidade das imagens técnicas de sensibilizar e mobilizar, atuando como componente adicional às ações de educação ambiental. Desta maneira, se, por um lado, a utilização da fotografia em pesquisas e estudos interdisciplinares tem sido academicamente discutida, sobretudo a partir do desenvolvimento de novas tecnologias de produção de imagem - que geraram uma maior difusão e popularização das técnicas imagéticas -, por outro lado, o seu uso parece ser adequado à utilização como recurso tecnológico em atividades pedagógicas que visem à educação ambiental.

## Referências

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.

BARTHOLO, R. S. e BURSZTYN, M. Prudência e Utopismo: ciência e educação para a sustentabilidade. In: BURSZTYN, M. (Org.). *Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século*. São Paulo: Cortez; DF: UNESCO, 2001.

BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.  
Disponível em: <

[https://monoskop.org/images/7/71/Pierre\\_Bourdieu\\_Outline\\_of\\_a\\_Theory\\_of\\_Practice\\_Cambridge\\_Studies\\_in\\_Social\\_and\\_Cultural\\_Anthropology\\_1977.pdf](https://monoskop.org/images/7/71/Pierre_Bourdieu_Outline_of_a_Theory_of_Practice_Cambridge_Studies_in_Social_and_Cultural_Anthropology_1977.pdf)>. Acesso em 17 jan. 2017.

BUBER, M. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUBOIS, P. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. Campinas: Papyrus, 1994.

FLUSSER, V. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GURAN, M. A “fotografia eficiente” e as Ciências Sociais. In: ARCHUTTI, L.E.R. *Ensaio sobre o Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade, 1998.

\_\_\_\_\_. *Linguagem Fotográfica e Informação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação da Técnica: vicissitudes das ciências, cacofonia na física*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963.

SONTAG, S. *Ensaio sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.